



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PATROCÍNIO

APOIO



COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

INFODEMIA E PERCEPÇÃO SOCIAL DE DOENÇAS: COMO A DESINFORMAÇÃO MOLDA O ENTENDIMENTO PÚBLICO SOBRE SAÚDE

Nicole Costa da Silva; nicolesilva@gmail.com¹

Dione Oliveira Moura; dioneoliveiramoura@gmail.com (orientadora)²

RESUMO: Este trabalho analisa o impacto da desinformação na percepção social de doenças no ambiente digital. Fundamentado nos conceitos de "poder simbólico" (Thompson) e "aldeia global" (McLuhan), o estudo investiga como o excesso de informações e a desordem informacional moldam entendimentos públicos e reforçam estigmas históricos. Foi realizada uma revisão de literatura e análise empírica de postagens na rede social X (antigo *Twitter*), entre janeiro e março de 2026, utilizando termos como "hanseníase", "lepra", "HIV" e "Aids" na busca. Os resultados revelam a persistência de termos pejorativos, o uso de patologias como instrumento de ataque moral e político, e a disseminação de curas milagrosas sem base científica. Conclui-se que a desinformação prejudica o diagnóstico precoce e a adesão ao tratamento, evidenciando a urgência de estratégias de letramento científico e de comunicação pública que fortaleçam a confiança nas autoridades sanitárias e no SUS.

Palavras-chave: infodemia. desinformação. saúde. redes sociais

¹Graduanda de jornalismo na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC/UnB).

² Doutora em Ciências da Informação (UnB). Professora Titular da Faculdade de Comunicação da UnB (FAC-UnB).



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



2

1. INTRODUÇÃO

Em *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*, John Thompson (2002) traça uma discussão sobre a comunicação e sua atuação nas transformações entre indivíduos e nas instituições da modernidade. Relaciona a evolução dos meios que a comunicação se manifesta – da pedra ao papel para a televisão e o rádio –, trazendo o conceito de “aldeia global”, onde as distâncias são encurtadas pela comunicação no mundo, conceito elaborado por Marshall McLuhan. O processo comunicacional, desde a produção da informação e conteúdo simbólico até a circulação, é um aspecto central da vida social e tem passado por mudanças (Thompson, p.19, 2002). O autor fala sobre um “conteúdo simbólico”, e este refere-se aos significados e percepções que são tomados a partir das mensagens da mídias e também sobre “poder simbólico” (ou cultural) que se refere a capacidade de influenciar e moldar as percepções e entendimentos a partir de expressões, símbolos, informações, e na própria linguagem, que são transmitidos nos meios comunicacionais e informacionais.

Dessa forma, a comunicação e as informações sobre saúde exercem um poder fundamental sobre conhecimento, opinião e perspectiva na sociedade, podendo gerar impacto desde o diagnóstico, até o tratamento eficaz sobre as doenças. A hanseníase, por exemplo, foi cercada por uma série de desinformações e estigmas e foi historicamente conhecida como “lepra”, termo proibido no Brasil desde 1995 pela Lei Nº 9.010 assim como seus derivados a fim de reduzir o estigma e preconceito atrelado a doença. Durante séculos, a falta de conhecimento científico permitiu que a hanseníase fosse erroneamente associada a doenças dermatológicas e até a mitos de cunho religioso (Fiocruz, 2021). O HIV/Aids também possui uma história carregada de estigmas, principalmente moral. O surgimento da doença, em um contexto



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PÓS-GRADUAÇÃO

APOIO



3

histórico marcado pela intensa marginalização da homossexualidade e pela identificação dos primeiros casos nesse grupo, contribuiu para que a infecção fosse socialmente associada aos homens gays. No entanto, essa associação também foi atravessada por processos de desinformação e preconceitos sociais que influenciaram a construção pública e midiática da doença.

Os primeiros casos brasileiros de infecção pelo HIV (da sigla em inglês, Vírus da Imunodeficiência Humana) e de AIDS (também da sigla em inglês, Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) foram relatados em 1983. Os anos 1980 foram marcados pelo surgimento dessa infecção sexualmente transmissível, uma enfermidade que chegou a ser chamada de Doença dos 5H, em razão de casos identificados em homossexuais, hemofílicos, haitianos, heroinômanos (usuários de heroína injetável) e prostitutas (hookers em inglês), e foi responsável pela estigmatização de gays (Lopes, 2020).

Sobre ambas as doenças, a desinformação se alastrou pelas redes midiáticas moldando a opinião pública acerca desde a origem até o tratamento das enfermidades, o que pode impactar em diagnósticos tardio e sequelas definitivas.

A desinformação sobre a saúde é um fenômeno crescente no mundo e afeta o direito à saúde de toda a sociedade. Resulta na disseminação de informações falsas com a intenção de causar dano ou desacreditar políticas de saúde de governos ou de autoridades sanitárias como a Organização Mundial de Saúde (OMS). Com isso, os cidadãos são prejudicados no seu direito de receber informações corretas para tomar decisões sobre a sua saúde (Moreira, Thaianie; Pinto, Pâmela. 2024).

Portanto, o enfrentamento à informações falsas em saúde se torna necessário como parte da estratégia para conhecimento público sobre as enfermidades e seus impactos, auxiliando na identificação dos sintomas, no tratamento, desmistificando estigmas, preconceitos e as desinformações que repercutem. Assim, este estudo aborda como a desinformação molda o entendimento e a percepção pública sobre saúde e suas consequências sociais e sanitárias.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



4

2. DESENVOLVIMENTO

De acordo com Zarocostas (2020, p.676, apud Organização Pan Americana de Saúde, 2020, p.2) infodemia se refere a um grande aumento no volume de informações associadas a determinado assunto. Com a digitalização e o avanço da tecnologia, se torna possível ter informações direto na palma da mão e cada vez mais com mais agilidade, seja por meio das redes sociais, chats online, Inteligência Artificial (IA) ou blogs. Trazendo o conceito de “aldeia global”, é possível notar a importância e o efeito do avanço comunicacional no mundo. À medida que a tecnologia foi se desenvolvendo, a distância espacial deixou de ser um obstáculo ou motivo de atraso para a chegada da mensagem no tempo, sendo possível até mesmo a transmissão simultânea do conteúdo simbólico de lugares distintos e distantes (Thompson, 2002, p.37). Com a comunicação avançando em termos tecnológicos e tendo mais presença no cotidiano social, ela adquire um papel importante na modelação e remodelação da percepção do indivíduo sobre outras culturas, países, sociedades, fatos e a própria história. O que antes era tido como verdade apenas as informações transmitidas “face a face” e “boca a boca” agora é alterado e expandido a compreensão e percepção do indivíduo a partir do conteúdo transmitido na mídia, não empregando uma menor importância à oralidade mas sim sendo um complemento, uma adição. Além disso, dependendo de sua classe social e nível de escolaridade, a percepção sobre um mesmo conteúdo pode ter um sentido diferente e em contextos diferentes. O que mostra que não só a mensagem simbólica transmitida tem o seu valor mas a situação em que é lida ou ouvida pode ter diferentes impactos e diferentes interpretações, e ela sendo apropriada pelo receptor facilita a assimilação e o entendimento sobre aquele fato.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



5

2.1 Desinformação x letramento

Atualmente há 213,4 milhões de habitantes no país (IBGE, 2025) e até outubro de 2025 já havia cerca de 185 milhões de usuários de internet no Brasil, sendo 150 milhões ativos também nas redes sociais (DataReportal, 2025). Este número revela a magnitude de pessoas que podem receber e transmitir informações com uma facilidade de acesso, o que não é um problema, mas mostra-se a capacidade de impacto se usadas informações falsas ou duvidosas sobre saúde nesse ambiente.

No entanto, apesar de um alto número de usuários – mais do que a metade da população brasileira – a disponibilidade do acesso à informação nem sempre é um problema, mas o nível de escolaridade e classe social também faz parte do processo de compreensão e percepção sobre as informações que recebem. Em 2025, cerca de 29% da população brasileira ainda se enquadravam como analfabetos funcionais, que não sabem ler, escrever, não conseguem compreender pequenas frases ou identificar os números (INAF, 2025). Quando esse processo é fragilizado por desigualdades educacionais e sociais, a população tende a ficar mais vulnerável à desinformação, o que pode impactar diretamente na percepção sobre enfermidades, na busca por diagnóstico e no acesso ao tratamento adequado, impactando também psicologicamente (Aquino et al., 2023).

Dessa forma, além da desinformação intencional, o desconhecimento e o letramento, por vezes escasso, se configuram como barreiras para uma comunicação em saúde efetiva. A dificuldade de compreender informações científicas ou conteúdos relacionados à prevenção, sintomas e tratamento de doenças pode favorecer interpretações equivocadas e ampliar a circulação de informações imprecisas. Assim, para além de estratégias de comunicação em saúde tanto por meios digitais como analógicos, também é preciso inserir uma comunicação simples e adaptada para que



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



6

o indivíduo consiga compreender, absorver e utilizar adequadamente a mensagem transmitida.

2.1.1 Tipos de desinformação

Como apontado por Wardle e Derakhshan (2023) a desinformação por si só não é algo novo, mas devido a amplitude e facilidade de acesso à informação por meio da tecnologia, tornou-se possível que este fenômeno tomasse maior proporção. Nesse contexto, os autores utilizam o termo “desordem informacional” e estruturam da seguinte maneira:

- Desinformação - mensagem falsa compartilhada com a intenção de prejudicar
- Mesinformação (informação falsa) - mensagem falsa compartilhada sem a intenção de prejudicar
- Malinformação (informação maliciosa) - mensagem verdadeira é compartilhada com a intenção de causar danos, por vezes movendo informações que deveriam ser privadas para a esfera pública.

Além disso, os autores também elencaram sete tipos de desordem informacional:

Tabela 1: tipos de desordem informacional

| | |
|----------------------|---|
| Sátira ou paródia | sem intenção, mas com potencial para enganar; |
| Conteúdo tendencioso | uso mentiroso de informações para influenciar um problema ou indivíduos |
| Conteúdo impostor | quando fontes verdadeiras são limitadas |



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



7

| | |
|---------------------|--|
| Conteúdo fabricado | conteúdo é totalmente falso, criado para enganar e prejudicar |
| Conexão falsa | quando títulos, recursos visuais ou legendas não são compatíveis, não se conectam com o conteúdo |
| Conteúdo falso | quando o conteúdo verídico é compartilhado com informações contextuais falsas |
| Conteúdo manipulado | quando informações ou imagens verídicas são manipuladas para enganar |

Fonte: elaborada pela autora baseada em Wardle e Derakhshan (2023).

Portanto, o fenômeno da disseminação de informações sobre saúde se torna ainda mais amplo. Envolvendo intenção ou não do emissor, nível de capacidade de compreensão do receptor e construção social, podendo desacreditar e prejudicar as estratégias das autoridades sanitárias, como o Ministério da Saúde e a Organização Mundial da Saúde (OMS), se realizadas, principalmente, com intenção maliciosa. Thompson (2002) ainda afirmou que “se levarmos a mídia a sério, descobriremos a profunda influência que ela exerce na formação do pensamento político e social”.

2.2 Hanseníase e o HIV/Aids nas redes sociais

O X, anteriormente nomeado como Twitter, é uma rede social com aproximadamente 17 milhões de usuários ativos no Brasil (DataReportal, 2025). A plataforma se caracteriza por uma comunicação veloz e de alta capilaridade, permitindo que conteúdos, em formato de textos, vídeos, imagens e áudios, tenham grande alcance em pouco tempo. A partir da revisão de literatura se tornou indispensável realizar uma observação mais empírica do contexto de desinformação nas redes sociais. Dessa forma, foi realizada uma análise de postagens publicadas na



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



8

rede social entre janeiro e março de 2026, período em que esta pesquisa estava em andamento e que se mostrou viável diante do tempo disponível para a sua conclusão.

Nesse momento de investigação empírica, foram selecionadas postagens que continham os termos “hanseníase” ou “lepra” e “HIV” ou “aids”. Foram selecionadas postagens que abordassem as doenças com conotação discriminatória e ofensiva a fim de demonstrar o estigma e a desinformação que ainda é possível encontrar atualmente no meio digital, bem como seu alcance. Assim, foram selecionadas postagens com alcance mínimo de engajamento, definido por pelo menos 200 visualizações; presença de curtidas, republicações e/ou comentários; que apresenta discurso de ódio ou tom pejorativo, utilizando as doenças como elemento de estigmatização.

Em uma postagem na rede social, o perfil @vivizchart utiliza o termo “lepra” com teor pejorativo em um comentário da foto de um homem seminu com manchas vermelhas na pele, a publicação diz: “gays postam foto pelados até com lepra mano”. A postagem foi feita no dia 31 de janeiro deste ano e alcançou, até o momento da produção desta pesquisa, 1200 visualizações, 18 mil curtidas, 548 republicações/comentários e 227 respostas. Por apresentar imagem do indivíduo em situação vexatória, foi decidido não apresentar a imagem da publicação a fim de resguardar sua imagem. Nas respostas desta publicação, foi possível encontrar usuários apoiando o comentário e disseminando estigma quanto à hanseníase e também quanto ao HIV/Aids, como o da imagem abaixo que alcançou 451 visualizações.

Figura 1: postagem no X - lepra e HIV



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PÓS-GRADUAÇÃO

APOIO



9



rodrigo spike ●
@joefaculdade

Seguir



Lepra ? KKK isso de ter umas 8 doença. Inclusive aquela lá de 3 letras que começa com HIV.



11:39 AM · 31 de jan de 2026 · 452 Visualizações



10



Fonte: captura de tela de autoria própria

Em outra postagem no X, o perfil @qi83ofc utiliza a aids para menosprezar outra pessoa pelo posicionamento político supostamente contrário ao do autor. Na postagem, o usuário publicou: “URGENTE católico de esquerda acaba de ser diagnosticado com aids” anexando uma imagem da pessoa a que se refere e uma ilustração gráfica do símbolo de vírus. A postagem foi feita no dia 9 de março deste ano e alcançou, até o momento da produção desta pesquisa, 17 mil visualizações, 899 curtidas, 69 republicações/comentários e 64 respostas. Por apresentar imagem do indivíduo em situação vexatória, foi decidido não apresentar a imagem da publicação a fim de resguardar sua imagem. Nas respostas desta publicação, também foi possível encontrar usuários apoiando o comentário, como mostra a imagem abaixo.

Figura 2: postagem no X - respostas



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



10



Fonte: captura de tela de autoria própria.

Por último, o perfil @MargareteTabor utilizou da religião para afirmar que o HIV foi curado através do “sangue de Jesus” em pessoas diagnosticadas no continente africano. No entanto, o usuário não se refere a nenhum embasamento científico e utiliza da religião como cura da enfermidade, como mostra a imagem abaixo.

Figura 3: HIV e a cura religiosa



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



11

 **Margarete Taborda**
@MargareteTabor

#HIVBowsToTheLORDJesus

Todos aqueles que ouviram a voz de Deus, através do poderoso decreto do Sangue de Jesus, decretado pelo Profeta do Senhor, Dr.Owuor, receberam a sua cura.



9:33 AM · 27 de fev de 2026 de Curitiba, Brasil · 267 Visualizações

5 20 18 1

Fonte: captura de tela de autoria própria.

As postagens selecionadas representam a gravidade da desinformação em saúde e como os indivíduos ainda enxergam doenças como hanseníase e o HIV/Aids. Vale ressaltar que o Brasil registrou uma queda de 13% nos óbitos por aids entre 2023 e 2024, além de ter interrompido a transmissão do vírus de mãe para filho (Ministério da Saúde, 2025). Além disso, de acordo com o Boletim Epidemiológico de janeiro de 2025 (Ministério da Saúde, 2025), o Brasil apresentou uma taxa média de cura de 78,5% entre os novos casos de hanseníase diagnosticados no período de 2014 a 2023, o que reforça a importância do diagnóstico precoce e da adesão ao tratamento adequado.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



12

São números que sugerem a importância do Sistema Único de Saúde (SUS) em garantir o acesso aos serviços à saúde gratuita, e que hoje disponibiliza tratamento e medicação para diversas doenças, inclusive a hanseníase e o HIV/Aids (Ministério da Saúde, 2026). Dessa forma, o acesso à saúde de qualidade e informações verídicas e adequadas é um bem a ser resguardado, respeitado e fortalecido por meio de estratégias de comunicação em saúde que sejam acessíveis, confiáveis e baseadas em evidências científicas. A circulação de informações qualificadas torna-se essencial para combater estigmas historicamente e socialmente construídos, principalmente quando reproduzidos no ambiente digital, além de contribuir para que a população compreenda melhor as formas de prevenção, diagnóstico e tratamento das enfermidades e possua discernimento crítico quanto às desinformações .

Nesse contexto, observa-se que as redes sociais desempenham um papel paradoxal. Ao mesmo tempo em que ampliam o acesso à informação e possibilitam maior circulação de conteúdos educativos produzidos por instituições científicas e órgãos de saúde, também funcionam como espaços de reprodução e amplificação de discursos preconceituosos, boatos e interpretações equivocadas. A rapidez com que as mensagens circulam e a lógica algorítmica das plataformas podem favorecer a viralização de conteúdos sensacionalistas ou estigmatizantes, o que intensifica os efeitos da informação, prejudicando medidas de saúde e prejudicando o acesso à informação qualificada e científica.

No caso da hanseníase, por exemplo, a permanência do uso do termo “lepra” em contextos pejorativos demonstra que parte da população ainda associa a doença a ideias de impureza, punição moral ou isolamento social, heranças históricas que remontam a períodos anteriores ao avanço do conhecimento científico sobre a enfermidade (Fiocruz, 2021). De forma semelhante, o HIV/Aids ainda é



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



13

frequentemente utilizado como instrumento de ataque moral ou político nas redes sociais, reforçando estigmas associados principalmente à sexualidade.

Essas representações sociais equivocadas podem produzir consequências concretas para a saúde pública. O medo do julgamento social, da discriminação ou da exposição pode levar indivíduos a evitarem a busca por diagnóstico ou tratamento, contribuindo para diagnósticos tardios e agravamento de quadros clínicos. Além disso, a circulação de conteúdos que negam evidências científicas ou apresentam curas milagrosas pode comprometer a adesão aos tratamentos recomendados pelas autoridades sanitárias.

Dessa forma, o enfrentamento da desinformação em saúde não se limita apenas à correção de conteúdos falsos, mas envolve também a promoção do letramento informacional e científico da população. Estratégias educativas, campanhas públicas de comunicação e a atuação de instituições científicas e jornalísticas são fundamentais para ampliar a capacidade crítica dos indivíduos diante das informações que consomem no ambiente digital.

Ao mesmo tempo, torna-se necessário fortalecer a presença de informações confiáveis nas plataformas digitais, bem como estimular a responsabilidade das próprias redes sociais na moderação de conteúdos que disseminem desinformação ou discurso de ódio relacionado a doenças e grupos sociais. Nesse sentido, a comunicação em saúde deve ser compreendida como parte integrante das políticas públicas, atuando não apenas na divulgação de dados e orientações médicas, mas também na construção de uma cultura informacional baseada no respeito, ética, na ciência e na promoção da saúde coletiva nacional.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PATROCÍNIO

APOIO



14

A análise apresentada neste estudo evidencia que a desinformação em saúde permanece como um desafio relevante no contexto contemporâneo, especialmente em um cenário marcado pela ampla circulação de conteúdos nas redes sociais digitais. A infodemia, caracterizada pelo excesso de informações muitas vezes imprecisas ou falsas, contribui para a construção de percepções distorcidas sobre doenças, reforçando estigmas sociais e dificultando a compreensão pública sobre questões relacionadas à saúde.

Os casos analisados demonstram que enfermidades como a hanseníase e o HIV/Aids ainda são frequentemente utilizadas em discursos pejorativos ou como instrumento de ataque moral e político no ambiente digital. Esse fenômeno evidencia que, apesar dos avanços científicos e das políticas públicas de saúde, persistem imaginários sociais marcados por preconceitos históricos e informações falsas.

Além disso, fatores como desigualdades educacionais, limitações no letramento informacional e a dinâmica de circulação de conteúdos nas plataformas digitais contribuem para ampliar a vulnerabilidade da população à desinformação. Nesse contexto, a comunicação científica e a comunicação pública da ciência assumem papel fundamental na mediação entre o conhecimento especializado e a sociedade, possibilitando que informações complexas sejam transmitidas de maneira compreensível e de acordo com o contexto do indivíduo.

Portanto, enfrentar a desinformação em saúde exige ações integradas que envolvam instituições científicas, profissionais da comunicação, regulação das plataformas digitais e órgãos governamentais. A promoção do letramento científico, o fortalecimento de estratégias de comunicação em saúde e a valorização de informações baseadas em evidências são medidas essenciais para reduzir a circulação de conteúdos enganosos e para contribuir com a construção de uma sociedade mais informada e consciente sobre questões relacionadas à saúde pública.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PÓS-GRADUAÇÃO

APOIO



15

4. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AQUINO, Dorlene Maria Cardoso de et al. Círculo de cultura com agentes comunitários de saúde sobre (des) conhecimentos e estigma da hanseníase. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 44, p. e20220083, 2023.

Brasil elimina transmissão vertical do HIV, da mãe para o bebê, e alcança menor taxa de mortalidade dos últimos anos. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2025/dezembro/brasil-elimina-transmissao-vertical-do-hiv-da-mae-para-o-bebe-e-alcanca-menor-taxa-de-mortalidade-dos-ultimo-s-anos>>. Acesso em: 14 mar. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. Hanseníase: Boletim Epidemiológico, jan.2025.

CEZAR, Vagner Mendes; DRAGANOV, Patricia Bover. A História e as Políticas Públicas do HIV no Brasil sob uma Visão Bioética. *Ensaio e Ciência: Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde*, v. 18, n. 3, 2014.

DE OLIVEIRA LOPES, Pablo. HIV E AIDS, PASSADO E PRESENTE: OS GAYS COMO REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA DOENÇA.

ERI. (vivizchart). “gays postam foto pelados até com lepra mano”. 31 jan. 2026, 00h13. Postagem na rede social X.

FIOCRUZ. Hanseníase na história. Disponível em: <https://www.invivo.fiocruz.br/historia/hansenia-na-historia/#:~:text=No%20Brasil%2C%20at%C3%A9%20meados%20do,doentes%20deixou%20de%20ser%20regra>. Acesso 12 mar. 2026.

FABRICIO REIS. (Fbreis). “Não sou covheiro.” 10 mar. 2026, 00:52. Postagem na rede social X.

INSIDER, RENATO GAÚCHO. (@qi83ofc). “URGENTE católico de esquerda acaba de ser diagnosticado com aids”. 9 mar. 2026, 23h31. Postagem na rede social X.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Hanseníase. Brasília: Ministério da Saúde. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/h/hansenia>. Acesso em: 13 mar. 2026.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PATROCÍNIO

APOIO



16

MINISTÉRIO DA SAÚDE. HIV/Aids. Brasília: Ministério da Saúde. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/a/aids-hiv>. Acesso em: 13 mar. 2026

MOREIRA, Thaian; PINTO, Pâmela. Desinformação sobre saúde: vamos enfrentar esse problema? Guia para profissionais de saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz; UFF, [s.d.]. Disponível em: <https://biblioteca.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2024/04/cartilha_sus_desinformacao_saude.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2026.

NEJI. (SLklksk). “Fake news, até pq eu não teria tanta sorte de viver pra ver isso acontecendo kskksksk.” 10 mar. 2026, 01:00. Postagem na rede social X.

Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19. Washington, D.C.: OPAS, 2020. Página informativa n. 5.

RODRIGO SPIKE. (joefaculdade). “Lepra? KKK isso de ter umas 8 doença. Inclusive aquela lá de 3 letras que começa com HIV.” 31 jan. 2026, 11:39. Postagem na rede social X.

TABORDA, MARGARETE. (MargareteTabor). “#HIVBowsToTheLORDJesus Todos aqueles que ouviram a voz de Deus, através do poderoso decreto do Sangue de Jesus, decretado pelo Profeta do Senhor, Dr.Owuor, receberam a sua cura.”. 27 fev.2026, 9h33. Postagem na rede social X.

THOMPSON, John. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 2002 – cap. 1 “Comunicação e Contexto Social” (pp. 19-46)

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. Desordem informacional: para um quadro interdisciplinar de investigação e elaboração de políticas públicas. Strasbourg: Council of Europe, 2023.

We Are Social & Meltwater (2025), “ Digital 2026 Brazil ”, obtido em <https://datareportal.com/reports/digital-2026-brazil> em 12 de março de 2026.